

Relatório Parcial

Estudo longitudinal dos determinantes e desfechos da situação de saúde da comunidade Ifes e em seus ambientes, como consequência do distanciamento social induzido pela Covid-19

*Relatório da primeira etapa do "Estudo longitudinal dos determinantes e desfechos da situação de saúde da comunidade Ifes e em seus ambientes, como consequência do distanciamento social induzido pela Covid-19", realizada nos meses **de novembro e dezembro de 2020.***

PESQUISADORES

Equipe Ifes

Profa. Márcia Regina Pereira Lima (Coordenadora); Profa. Érika Cardoso dos Reis; Prof. Fabiano Biancucci Apolinário; Prof. Felipe Morais Addum; Profa. Hélia Márcia Silva Mathias; Profa. Mariângela Dutra de Oliveira

Estudantes: Bianca Zamprogno Soares (Técnico em Meio Ambiente); Beatriz Multz Albano (Técnico em Meio Ambiente); Paula Siqueira dos Santos (Eng. Sanitária e Ambiental); Gabrielle Leite Barcellos (Eng. Sanitária e Ambiental); Caroline de Brito Fardin (Eng. Sanitária e Ambiental); Juliana Freitas Ramos da Fonseca (Mestrado Profissional em Tec Sustentáveis).

Equipe Fiocruz

Prof. André Reynaldo dos Santos Perissé, Pesq. Leda Zorayde de Oliveira; Prof. Paulo Rubens Guimarães Barrocas

Pesquisadoras convidadas

Profa. Érika Cardoso dos Reis (Ufop); Profa. Maria Cirlene Caser (Emescam); Profa. Claudia Gomes Rossoni (Emescam)

METODOLOGIA

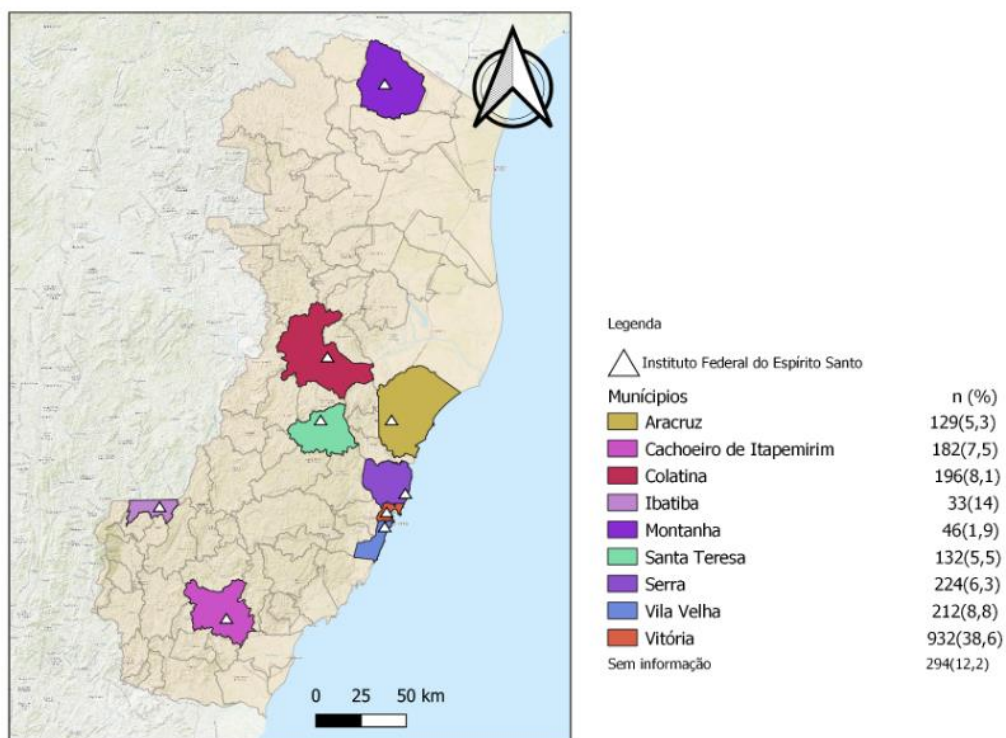
Trata-se de uma pesquisa de métodos mistos:

- * Inicia-se com uma parte quantitativa com aplicação de questionário (on-line)
- * Em seguida etapas qualitativas em paralelo por meio de grupos focais (on-line)
- * E ainda uma parte ambiental de análise de qualidade da água em algumas Unidades do Ifes.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Ifes, atendendo as diretrizes das Resoluções CNS/CONEP 466/12 e 510/2016. O parecer substanciado foi emitido em 06 de Julho de 2020.

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 2.414 indivíduos, distribuídos em nove campi do Ifes no Estado: Aracruz, Cachoeiro de Itapemirim, Colatina, Ibatiba, Montanha, Santa Teresa, Serra, Vila Velha e Vitória.

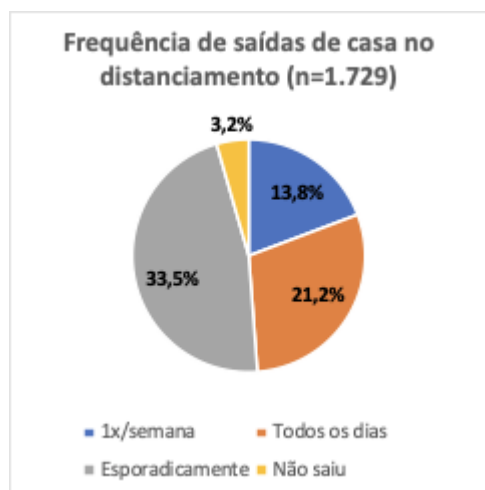


Os participantes foram predominantemente do sexo feminino (52,8%), brancos (48,6%), idade entre 18 e 29 anos (60,4%) e com nível de escolaridade acima do nível médio, sendo 37,2% com nível superior incompleto e 26,6% com pós-graduação.

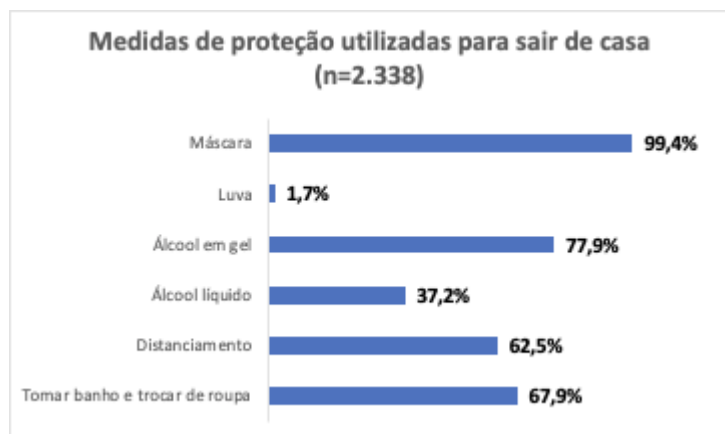
Do total de participantes, foram 78,1% estudantes, 12,4% docentes e 8,9% técnicos administrativos.

DADOS SOBRE DISTANCIAMENTO E CUIDADOS

Dos respondentes, 88,9% informaram que se mantiveram em distanciamento social. Durante o tempo de distanciamento, 33,5% dos indivíduos informaram saídas esporádicas de casa, porém 21,2% relataram saídas diárias. Os motivos das saídas mais frequentes foram idas ao supermercado (83,8%) e à farmácia (57,7%).



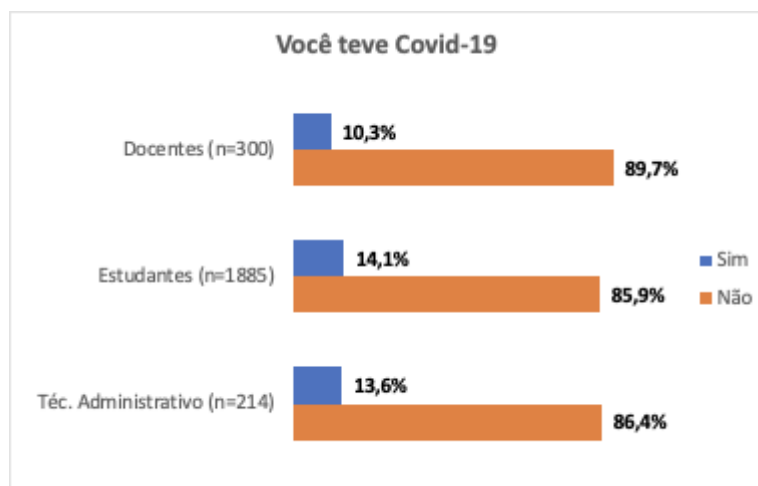
As medidas de proteção individual mais comuns utilizadas foram a máscara (99,4%), álcool em gel (77,9%) e o ato de tomar banho e trocar de roupa (67,9%).



ADOECIMENTO E ATENDIMENTO MÉDICO

Quando perguntados se haviam tido a doença, mais de 80% em todas as categorias responderam negativamente, sendo os estudantes (14,1%) e os técnicos administrativos (13,6%) os grupos mais infectados.

Entre os que adoeceram, 23,3% buscaram atendimento médico ambulatorial e 3,1% necessitaram de atendimento hospitalar.



Os principais sintomas relatados foram dor de cabeça (77%), alteração do paladar (67,2%), mialgia (58,9%), tosse (53,4%) e febre (58,3%).

INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Na escala de classificação do seu conhecimento sobre as formas de transmissão do novo coronavírus, a maioria (54,1%) informou que conhece muito. Sobre as fontes de informação, a internet foi citada por 84,2%, seguida do Instagram (70,8%), TV (66,6%), Redes Sociais (sem especificação) (57,8%) e WhatsApp (51,8%).

O grupo destacou que houve uma politização da informação, o que gerou posicionamentos diferentes na classe médica e na sociedade de modo geral. Relataram também o descrédito com a academia, a manipulação de alguns meios de comunicação, o que levou a população a ter dúvidas quanto a orientação a seguir, gerando insegurança e incredulidade nos dados que circulam. A exceção foi a credibilidade na Organização Mundial da Saúde (OMS).

Os participantes notaram, nas redes sociais, presença de fake news que confundiram e levaram à necessidade de checagem das informações. Destacaram a importância do papel de cada um para contribuir com os esclarecimentos necessários evitando a propagação de informações incorretas. Outro fator que gerou dúvida foram os diferentes posicionamentos dos profissionais de saúde com relação ao tratamento da doença.

MEDOS E EMPATIA

Ao serem perguntados sobre o medo em uma escala de 1 a 5 (onde 1 é nenhum e 5 é muito), a maioria dos respondentes classificaram no nível máximo o seu medo de se contaminar com o vírus causador da Covid-19.

Além disso, os participantes apontaram uma interligação entre os fatores econômicos (a perda de renda) e o de saúde, demonstrando preocupação com o desemprego e a consequente perda de renda e qualidade de vida. Tais preocupações, para eles, estão relacionadas ao empobrecimento maior da população.

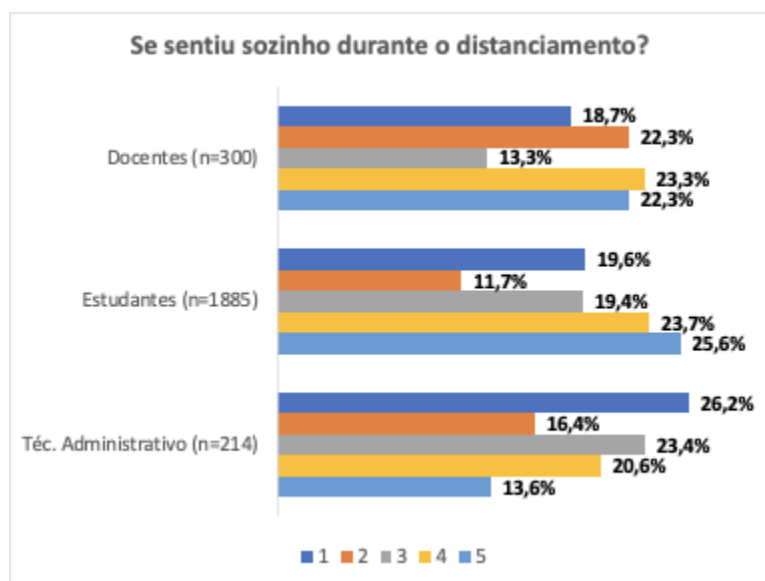
Apareceu também a preocupação com o cenário do país (políticas de governo, auxílio emergencial, aumento de impostos, cortes nos gastos públicos, entre outros) e com o futuro profissional, relacionando ainda com a insegurança para futuras aposentadorias. Ou seja, o grupo trouxe outros elementos, que são a relação da pandemia com os impactos na economia e no mundo do trabalho.

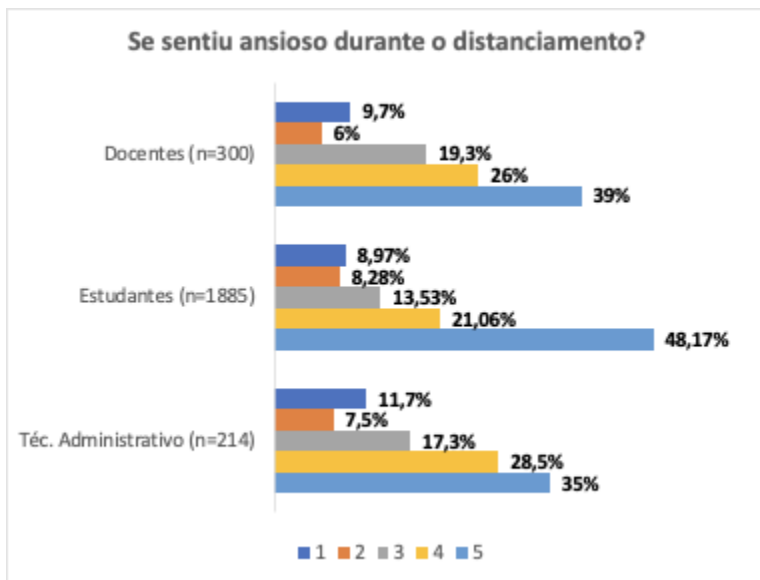
A empatia foi uma atitude relatada, que se manifestou com a preocupação com o outro, em especial com aqueles mais próximos (familiares). Por outro lado, citam que algumas pessoas demonstram indiferença com relação ao cuidado com o outro, visto os comportamentos de risco adotados, como frequentar bares com aglomeração.

SOLIDÃO E ANSIEDADE

Sobre sentir-se sozinho durante o período do distanciamento social, os docentes (22,3%) e estudantes (25,6%) foram os que mais classificaram no nível máximo (5). O sentimento de ansiedade também foi maior entre os docentes (39,0%) e estudantes (48,2%).

O grupo relatou que o distanciamento social gerou mudança de vida de maneira brusca para todos, com rebatimento para a saúde, em destaque para a saúde mental. Foi considerado como fator gerador de ansiedade a falta de perspectiva com relação ao fim da epidemia.

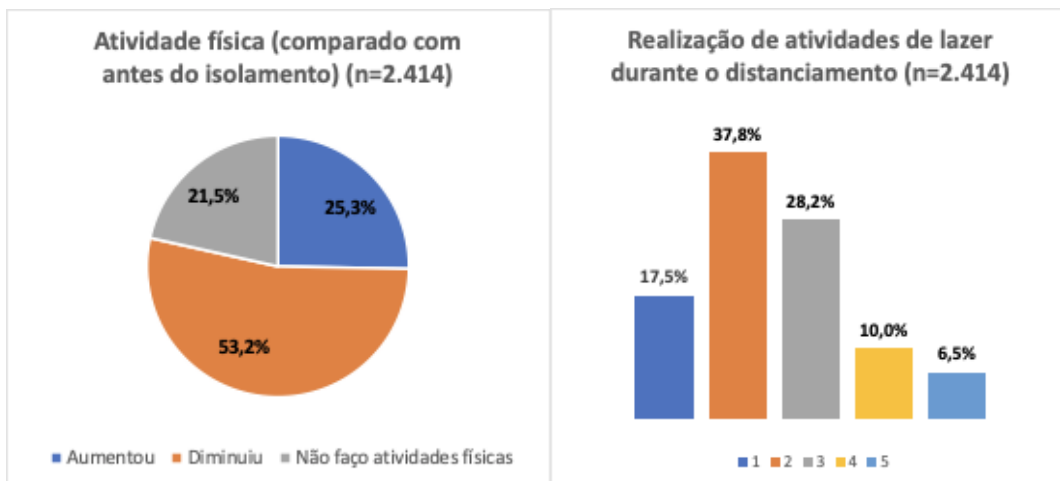




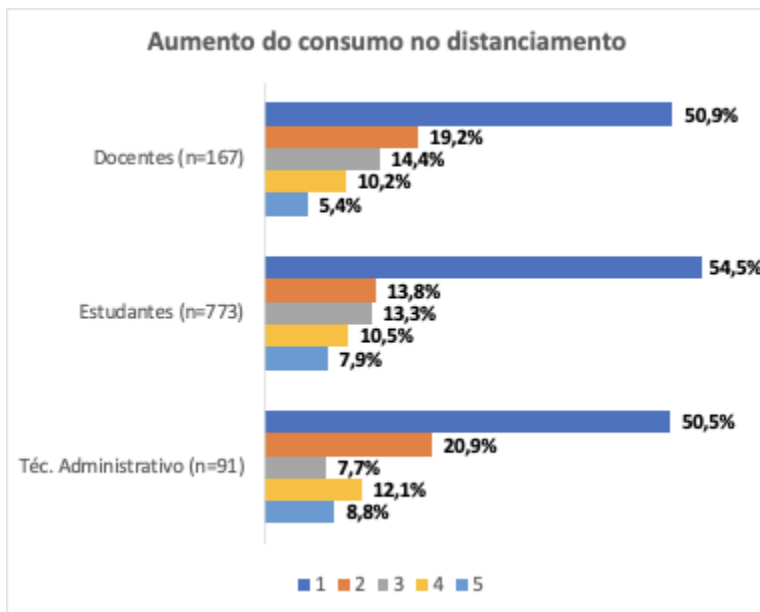
LAZER, EXERCÍCIOS, CONSUMO DE ÁLCOOL

Com relação à realização de atividades físicas (comparada com o momento pré-distanciamento social), 53,2% dos indivíduos responderam que seus níveis de atividade diminuíram.

Na escala de classificação sobre a realização de atividades de lazer durante o distanciamento, 55,3% relataram fazer nenhuma ou quase nenhuma atividade (1 e 2).



A respeito de bebida alcoólica, 43% disseram consumi-la. Desses, mais da metade relatou ter aumentado muito o consumo durante o distanciamento social.



EXPECTATIVA PARA O RETORNO ÀS AULAS

Para os participantes, o retorno às aulas presenciais aumenta o risco de contaminação e deve ocorrer somente após a vacinação em massa. Acreditam que o Ifes cumprirá os protocolos sanitários necessários à prevenção, porém há o receio com relação ao comportamento dos estudantes, de característica mais agregadora, podendo gerar contatos físicos.

Foram levantados outros fatores de risco como o transporte até as unidades e as condições de vida dos estudantes. Sugerem que a oferta das disciplinas seja à distância, sempre que possível, para que as aulas presenciais sejam destinadas às matérias que não podem ser ofertadas de forma remota.